

**MARÇAL AQUINO**  
**O INVASOR**

**NOVELA**



Copyright © 2011 by Marçal Aquino

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Retina\_78

*Preparação*

Isabel Jorge Cury

*Revisão*

Luciane Helena Gomide

Carmen S. da Costa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aquino, Marçal  
O invasor / Marçal Aquino. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2011.

ISBN 978-85-359-1804-5

1. Romance brasileiro I. Título.

11-00206

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*Em memória de Mauro Mateus dos  
Santos, o Sabotage (1973-2003)*

*Para chegar aonde deseja na vida,  
um homem sempre acaba fazendo  
mais inimigos do que amigos.*

Provérbio montanhês

**Mesmo seguindo as indicações de Anísio**, demoramos um bocadinho para encontrar o bar, numa rua estreita e escura da Zona Leste. Um lugar medonho.

Estacionei perto do que parecia ser uma fábrica abandonada, um galpão enorme e cinzento, com as paredes pichadas e vitrões com vidros quebrados. Alaor continuou imóvel, segurando a pasta no colo. Tínhamos trocado meia dúzia de frases, se tanto, no trajeto até ali.

Ficamos algum tempo sentados no carro, olhando a luz amarelada que saía da porta do bar.

Vamos lá, eu disse, tirando a chave do contato e abrindo a porta.

Alaor se mexeu com lentidão. Ele tinha sugerido que Anísio fosse nos encontrar na construtora, mas não topei. Achei arriscado: não queria que ninguém nos visse juntos. Então ali estávamos, naquele lugar sem nenhuma vocação para cartão-postal.

Fechei o carro, acionei o alarme e caminhamos até o bar, do outro lado da rua. Havia algo de melancólico no calçamento pintado de verde e amarelo, uma lembrança desbotada dos dias de jogos da Seleção na Copa. Era uma noite abafada e, apesar da distância, dava para ouvir o tráfego pesado da Radial Leste.

Merecemos uma rápida avaliação dos dois sujeitos que bebiam cerveja debruçados no balcão, conversando com o velho que devia ser o dono do bar. Os quatro homens que jogavam bilhar também nos olharam por um instante, e depois retomaram a conversa. O rádio sobre o balcão chiava um programa de músicas antigas.

Anísio estava sentado a uma mesa de fórmica num dos cantos, perto do banheiro, e acenou para nós, indicando as cadeiras vazias.

Quem é quem?, ele perguntou, enquanto apertava a minha mão.

Eu sou Ivan, e ele é o Alaor.

Alaor sentou-se e colocou a pasta no chão, sob a mesa. Eu e ele ficamos de costas para a porta do bar e isso me incomodou. Sempre gostei de ver o que acontece ao meu redor em bares, ainda mais num daqueles.

O velho veio até a mesa e perguntou o que iríamos beber. Pedi uma cerveja e, quando Alaor falou que queria água, Anísio e o velho riram.

Tem não, o velho disse. Água aqui só de torneira.

Meio sem jeito, Alaor apontou o copo com um líquido escuro que estava à frente de Anísio e perguntou o que era.

Rabo de galo, o velho explicou. Aqui a gente chama de tracado. Pinga com Cinzano.

Pode trazer um pra mim, Alaor pediu, e me olhou com cara de quem tinha feito uma grande coisa.

Enquanto o velho pegava as bebidas, Anísio perguntou a Alaor se tinha sido difícil achar o lugar. Aproveitei para observá-lo.

Era um homem atarracado, de braços fortes e mãos grandes. Tinha a pele bem morena, olhos verdes e usava o cabelo crespo penteado para trás. Uma dessas misturas que o Nordeste brasileiro produz com certa frequência. Ao contrário do que eu imaginava, ele não parecia ameaçador — embora houvesse dureza em seu jeito de olhar.

No momento em que o velho voltou com as bebidas, Anísio estava falando da preocupação que tivera quando conversou pelo telefone, marcando o encontro. Naquela conversa, ele havia se descrito em detalhes, para que pudéssemos identificá-lo no bar. Uma coisa desnecessária, segundo ele.

Quando vocês entraram, nem precisei olhar duas vezes. Estava na cara que eram os dois bacanas que eu estava esperando.

Mas você podia ter se enganado, eu comentei, provando a cerveja.

Nunca, Anísio ficou sério. Eu nunca erro. Sei olhar para uma pessoa e dizer direitinho quem é ela e o que faz na vida. Tem a ver com o meu trabalho. Além do mais, vocês têm cara de gente do bem.

Como é que é isso?, Alaor perguntou.

Anísio esperou que o velho retornasse ao balcão e baixou a voz.

Dá só uma olhada no povo deste lugar: tudo cara fodido, de pele manchada, cabelo ruim, faltando dente, unha preta. Qualquer um é capaz de dizer que vocês não são daqui. Se eu der a mão para o sujeito então, sou capaz até de falar se ele já trabalhou no pesado algum dia. Não tem erro.

Anísio acendeu um cigarro e olhou para Alaor.

Você, por exemplo, nunca precisou pegar no batente. Dá pra ver isso pela sua mão. Lisinha, lisinha.

Achei aquilo divertido e gostei de Anísio. Alaor olhou para a palma das mãos e riu.

Eu e Alaor tínhamos nos conhecido na Escola Politécnica e, naquela época, ele ainda era sustentado pelo pai. Só começou a trabalhar quando abrimos a construtora. Se bem que supervisionar serviço de peão nunca foi trabalho pesado.

Seu caso é um pouco diferente, Anísio voltou-se para mim. Você já trampou, mas faz muito tempo, não é isso?

Era. Quando meu pai morreu, eu tinha quinze anos. E, de repente, precisei ir à luta. Ajudei a sustentar minha casa e paguei meus estudos — e tenho orgulho disso.

Dá pra ver que agora você está só no bem-bom, Anísio disse e apontou minha barriga.

Atrás de mim, os homens que estavam jogando bilhar iniciaram uma discussão por causa de uma jogada. Aquilo me deixou alerta, mas tive dificuldade para me virar na cadeira e acompanhar o bate-boca. Anísio tocou no meu braço.

Pode ficar tranquilo, não vai acontecer nada. Você acha que alguém é besta de começar uma briga com um taco de *snooker* na mão? Conheço eles. Isso aí é só frescura.

Ele terminou sua bebida e fez sinal para o velho, pedindo outra. Alaor, que tinha feito cara feia nos primeiros golos, agora tomava aquilo como se fosse refresco. Fiquei preocupado: ele não prestava para beber e, naquele ritmo, em pouco tempo estaria falando mole e dando risada à toa.

Anísio jogou o cigarro quase inteiro no chão e esmagou-o com o pé. E então nos encarou.

Bom, acho que vocês querem falar de negócios, não é?

Esperei que Alaor entrasse no assunto, mas ele se limitou a ficar de cabeça baixa, rodando o copo entre as mãos, o olho no tampo de fórmica da mesa. Aquilo me irritou. Afinal, a ideia fora dele.

E então: qual é o assunto?, Anísio insistiu com suavidade.

Alaor continuou imóvel. Cutuquei sua perna por baixo da mesa e ele me olhou assustado, como se não soubesse o que estava fazendo naquele bar. Tínhamos discutido muito antes de decidir. E, quando concluímos que aquela era a única solução, coube a Alaor procurar um amigo que tinha ligações no sub-mundo. Norberto. E agora, na hora de encaminhar o negócio, parecia que ele estava amarelando.

Antes que Anísio se impacientasse — ou achasse que estávamos com alguma molecagem —, entrei no assunto.

O negócio é o seguinte: estamos com um problema na nossa empresa e achamos que você pode nos ajudar.

Que tipo de problema?



Temos um outro sócio, o Estevão, que está com a gente na construtora desde o começo, há mais de vinte anos. Tudo sempre correu muito bem. Só que agora ele... Como é que eu vou dizer? Ele...

Ele está fodendo a gente, Alaor falou, como se quisesse mostrar que era mais objetivo do que eu.

Ele tá roubando vocês?, Anísio me olhou nos olhos.

Não, não é isso, eu disse, e Alaor me interrompeu outra vez.

O que acontece é que estamos tendo algumas divergências com ele, entende?

E por que vocês não afastam ele?, Anísio perguntou.

Aí é que está o problema, Alaor disse e virou seu drinque.

Esperei que ele continuasse falando, porém Alaor apenas limpou os lábios com o dorso da mão e me olhou.

Estevão é o sócio majoritário, o que tem dinheiro, expliquei.

Anísio sorriu.

É ele que manda em vocês, é isso?

Também não é assim, Alaor reagiu, tocando o braço de Anísio com uma intimidade que me assustou. Mas no fim das contas é ele quem decide as coisas por lá...

Sempre foi assim, eu falei. Quando saímos da faculdade, Estevão usou o dinheiro da família para abrir a construtora. Como éramos muito amigos, ele nos deu uma parte na sociedade e nós entramos com o trabalho.

E agora esse arranjo não está servindo mais, Anísio acenou para o velho, mostrando o copo vazio de Alaor.

Vamos dizer que estamos tendo problemas na hora de decidir o que é bom para a empresa, eu falei.

Alaor balançou a cabeça, concordando.

Anísio ficou quieto, como se estivesse pensando, enquanto esperava que o velho trouxesse outro rabo de galo para Alaor. Continuei falando:

O Estevão não aceita nosso ponto de vista e agora está ameaçando desfazer a sociedade. Ele quer comprar a nossa parte para acabar com os problemas.

E isso não é bom para vocês?, Anísio tirou um cigarro do maço e ficou batendo-o na mesa.

Não, eu disse. Dei o sangue naquela empresa e, se sair agora, recebo uma mixaria.

A gente vai ficar chupando o dedo, Alaor disse.

Tive a impressão de que ele começava a ficar bêbado.

Por que vocês não comprem a parte dele?

Não temos dinheiro, Anísio. Mas o Estevão tem — e de sobra — pra comprar a nossa parte e nos dar um pé na bunda.

Aí eu tive a ideia de falar com o Norberto e ele indicou você para nos ajudar, Alaor explicou, mencionando seu amigo que fizera os contatos.

E o que vocês querem fazer?, Anísio acendeu o cigarro e ficou olhando o palito de fósforo queimar.

Estranhei a pergunta. Sempre pensei que esses caras fossem mais diretos.

Olhei para Alaor: ele estava de cabeça baixa outra vez. Encarei Anísio.

O que você sugere?

Bom, eu posso dar um susto nesse sócio de vocês.

Não é isso que nós queremos, eu disse.

Anísio deu uma tragada no cigarro e deixou que a fumaça saísse pelas narinas.

Vocês querem tirar o homem do caminho, é isso?

É isso, eu senti o suor escorrendo das minhas axilas.

O.k. Eu posso fazer isso pra vocês, sem problema.

O Norberto falou que você resolveria, Alaor comentou, dando a impressão de que tinha alguma coisa sob a língua.

Eu nunca deixo na mão os clientes que ele manda, Anísio disse.

E quanto isso vai nos custar?, perguntei, notando que a minha cerveja havia terminado.

Depende. Esse Estevão anda com guarda-costas, essas coisas?

Que nada. Ele é tranquilo, igual a nós. Vai ser moleza, você vai ver. Alaor, de repente, pareceu ficar excitado.

Você acha?, Anísio perguntou, olhando-o de forma direta. Nunca é moleza. Se fosse, vocês não tinham vindo me procurar.

O sorriso sumiu do rosto de Alaor.

Quanto você quer para fazer o serviço?, eu perguntei, tentando amenizar o clima na mesa.

Vinte mil. Metade agora e metade depois.

Considerarei a possibilidade de discutir aquele preço, mas desisti ao notar a maneira como Anísio me encarava. A pasta sob a mesa continha dez mil.

Tá bom, eu disse, e percebi que Alaor fazia uma careta. E quando é que você cuida disso?

Não sei, Anísio disse. Eu preciso estudar o cara primeiro, saber tudo sobre ele. É assim que eu trabalho.

Quanto tempo leva isso?, Alaor quis saber, e sua voz soou engraçada.

Varia muito. Às vezes duas semanas, às vezes um mês. Outras vezes um pouco mais.

Não dá pra ser mais rápido?, eu perguntei.

Dá, só que é mais complicado. E aí eu cobro o dobro, Anísio trágou e atirou mais um cigarro quase inteiro no chão.

Taxa de urgência?, Alaor riu de um jeito nervoso.

Putaquepariu, eu pensei, não tínhamos esse dinheiro disponível. Mas não comentei nada.

Nesse caso, quanto tempo leva?, Alaor perguntou.

Aí é mais rápido, Anísio disse, olhando para Alaor e depois para mim, como se estivesse estudando nossas reações.

Eu sabia que, àquela altura, não dava mais para recuar. Então, quando Alaor perguntou, O que você acha, Ivan?, eu apenas balancei a cabeça, concordando.

Anísio ficou satisfeito com a decisão. E quis saber se havíamos trazido uma fotografia de Estevão. Alaor pegou a pasta, abriu o zíper e mostrou uma foto em que aparecíamos os três na

empresa, diante da maquete de um condomínio que tínhamos lançado. Anísio pegou a foto para examiná-la, Alaor colocou o dedo sobre Estevão:

O Estevão é este aqui, o de barba. Não vá se enganar e matar um de nós, hein?

A brincadeira deixou Anísio contrariado. Alaor percebeu e retirou o dedo, como se tivesse levado uma picada.

Escreve o endereço dele num papel, Anísio pediu.

Enquanto anotava, tentei imaginar qual seria sua reação ao descobrir que iríamos deixar com ele apenas uma parte do pagamento.

E como é que vocês querem que eu faça?, Anísio perguntou ao receber o papel com o endereço de Estevão.

Na hora, não entendi direito a pergunta.

Ora, queremos que você resolva o caso o mais rápido possível e pronto, eu disse.

Anísio olhou para a fotografia por um instante.

Eu posso fazer ele sofrer antes de morrer...

Aquela dureza que eu havia detectado antes reapareceu em seus olhos. Alaor me surpreendeu:

Hum, gostei. E como é que você está pensando em fazer isso?

Tem vários jeitos, Anísio disse. Uma vez um figurão me contratou para dar um jeito no camarada que estava comendo a mulher dele e pediu que eu maltratasse bastante o cara.

E o que você fez?, Alaor se interessou.

Primeiro, eu amarrei o cara bem amarradinho. Depois, arranquei as unhas do pé dele e furei os dois olhos.

De repente, fiquei com uma vontade incontável de sair dali. Quando arrotei, senti que a cerveja que tinha bebido voltava amarga do estômago para minha garganta. Olhei para a cara de Alaor, e ele parecia estar sentindo prazer em ouvir aquele relato.

Olha, Anísio, o que interessa é que você tire o Estevão do nosso caminho, eu disse, fazendo força para não vomitar ali mesmo. Como você vai fazer é problema seu.

Ah, não, Alaor interveio. Estamos pagando caro e eu quero que o filho da puta sofra.

Aquilo me chocou. Pessoalmente, não conseguia sentir raiva de Estevão. Ele estava me atrapalhando e eu queria tirá-lo da frente, só isso. Mas Alaor parecia estar se vingando de algo que eu desconhecia.

Antes de matar o cara, eu posso contar pra ele quem fez a encomenda. O que vocês acham?

Gostei, Alaor falava como um bêbado. Pena que a gente não vai poder ver a cara dele nessa hora, não é, Ivan?

Anísio disse que podíamos ficar tranquilos, era só aguardar.

Eu fiquei em silêncio, de estômago revirado, dentes apertando o horror que sentia. Pensei em dizer a ele que mudara de ideia e queria cancelar tudo. Mas olhei para Alaor e vi que era impossível: nosso navio já estava muito longe do porto.

Tem um probleminha, Alaor colocou a pasta sobre a mesa. Só tem dez mil aqui dentro. Mas você pode ficar sossegado: a gente paga o restante assim que você fizer o trabalho.

Anísio pegou a pasta, puxou o zíper e conferiu o conteúdo. Parecia ter ficado aborrecido. Eu e Alaor trocamos um rápido olhar.

Olha, normalmente eu não aceitaria esse tipo de coisa. Mas gostei de vocês. E, além do mais, foi o Norberto quem indicou e eu confio em quem ele confia. Vou aceitar isto aqui como um sinal. Espero que vocês não estejam pensando em me dar um calote.

Que é isso, Anísio?, Alaor se mexeu na cadeira. A gente vai pagar direitinho.

Tenho certeza de que vão, Anísio colocou a pasta no colo. Vocês querem mais bebida?

Eu agradei e disse que era hora de irmos embora. Anísio pôs a mão sobre o braço de Alaor quando ele pegou a carteira para pagar a conta:

Pode deixar comigo.

Antes de sairmos, Anísio fez uma série de recomendações sobre como deveríamos nos comportar na construtora nos próximos dias. E lembrou que não podíamos comentar o assunto com ninguém, nem mesmo com nossas mulheres.

Ao me levantar, depois de apertar a mão de Anísio, notei que os quatro homens haviam interrompido o jogo e agora bebiam cerveja sentados sobre a mesa de bilhar. Tive a sensação de que me olharam demoradamente quando passei, como se quisessem registrar minhas feições. Paranoia, pensei, pura paranoia. Mas isso não me tranquilizou.